

# MICROSCÓPIO

Não encontrou as mesmas facilidades do governo revolucionário argentino o reconhecimento do novo governo da Bolívia. A experiência ensina sempre alguma coisa: no mínimo, a ser cauteloso.

No primeiro caso, governos aliados e totalitários entraram numa verdadeira competição, querendo cada qual antecipar-se em captar as boas graças da nova situação governativa. Dos mais decepcionantes foi o resultado para as nações aliadas: se o governo argentino nada faz de efetivo em favor da Alemanha e dos seus satélites, é simplesmente porque, na realidade, nada pode fazer nas atuais circunstâncias. Mais do que meras cortezias diplomáticas, vale a lógica profunda dos acontecimentos e esta lógica ensina que um governo ditatorial e mais ou menos totalitário não pode ter verdadeira solidariedade de interesses com as democracias.

A propósito do caso boliviano, assentaram agora as nações americanas condicionar o reconhecimento de qualquer governo revolucionário a mútua consulta e prévio conhecimento da orientação do novo governo em matéria de política internacional.

Ninguém duvidará da prudência deste critério. Mas, se o que se está defendendo realmente nesta guerra é a democracia, são os direitos fundamentais do cidadão, convém não esquecer que um governo ditatorial e autoritário pode ser levado, pela necessidade, a fazer, por palavras e até por atos, todos os protestos de solidariedade aos aliados, mas estando pronto sempre a atraí-los, porque não estão com eles nem os seus sentimentos profundos, nem os seus viscerais interesses.

RAUL PILLA

11-1-44